

Oração semanal

(5ª-feira, Tempo Comum 21)

Serra do Pilar, 31 agosto 2017

- P. Estamos, Senhor, reunidos em teu nome;
fica connosco (Lc 24,29)!
- R. E desça sobre nós a tua bênção!
- P. Glória ao Pai, ao Filho e ao Espírito do Pai e do Filho!
- R. Glória ao Senhor, que nos dá o seu Espírito (1Ts 4,8)!

Leitura do Evangelho de Lucas (16,9-31)

“Havia um homem rico que se vestia de púrpura e linho fino e fazia todos os dias esplêndidos banquetes. Um pobre, chamado Lázaro, jazia ao seu portão, coberto de chagas. Bem desejava ele saciar-se com o que caía da mesa do rico; mas eram os cães que vinham lambe-lhe as chagas. Ora, o pobre morreu e foi levado pelos anjos ao seio de Abraão. Morreu também o rico e foi sepultado. Na morada dos mortos, achando-se em tormentos, ergueu os olhos e viu, de longe, Abraão e também Lázaro no seu seio. Então, ergueu a voz e disse: 'Pai Abraão, tem misericórdia de mim e envia Lázaro para molhar em água a ponta de um dedo e refrescar-me a língua, porque estou atormentado nestas chamas'. Abraão respondeu-lhe: 'Filho, lembra-te de que recebeste os teus bens em vida, enquanto Lázaro recebeu somente males. Agora, ele é consolado, enquanto tu és atormentado. Além disso, entre nós e vós há um grande abismo, de modo que, se alguém pretendesse passar daqui para junto de vós, não poderia fazê-lo, nem tão pouco vir daí para junto de nós'.

O rico insistiu: 'Peço-te, pai Abraão, que envies Lázaro a casa do meu pai, pois tenho cinco irmãos; que os previna, a fim de que não venham também para este lugar de tormento'. Disse-lhe Abraão: 'Têm Moisés e os Profetas; que os ouçam!' Replicou-lhe ele: 'Não, pai Abraão; se algum dos mortos for ter com eles, não de arrepende-se'. Abraão respondeu-lhe: 'Se não dão ouvidos a Moisés e aos Profetas, tão pouco se deixarão convencer se alguém ressuscitar dentre os mortos'”.

Salmo 55 - Oração do perseguido

Ouve, ó meu Deus, a minha oração,
não te esquives às minhas preces.
Presta-me atenção e responde-me:
estou atormentado pela angústia,

perturbado com as ameaças do inimigo
e diante dos vexames do ímpio.
Eles projetam a minha desgraça
e perseguem-me com todo o furor.

O coração rebenta-me no peito
e esmagam-me os terrores da morte;
invadem-me o terror e o tremor
e o medo envolve-me de todos os lados.

- Quem me dera - digo eu - ter asas como a pomba,
poder voar e encontrar abrigo!
Fugiria p'ra bem longe,
a viver no deserto que fosse!

Apressado, buscaria refúgio
contra a tempestade ou o furacão!
Confunde, Senhor, as línguas dos ímpios;
na cidade só há violência e discórdia!

Dia e noite rondam à volta das muralhas
e dentro delas há crime e intriga;
há ruína dentro da cidade,
a opressão e a fraude enchem-lhe as praças.

Se me tivesse ultrajado o inimigo,
até o suportaria;
se viesse contra mim quem me odeia,
até dele me poderia esconder.

Mas tu, tão próximo de mim,
tão amigo e meu confidente,
com quem partilhava conselhos,
que me acompanhava na ida para a casa de Deus!

Que a morte os surpreenda
e desçam da vida ao mundo dos mortos,
porque a malvez habitava neles
no fundo do seu coração!

Quanto a mim, chamo por Deus
e ele me salvará!
Todo o dia, me lamento e suspiro,
há-de ouvir a minha voz!

Defendeu-me dos que me atacavam,
eram tantos contra mim!
O Senhor vai ouvir-me e humilhá-los,
Ele que reina eternamente!

Eles não têm emenda,
não levam a sério o Senhor!
Levantam a mão contra os próprios amigos,
rasgam a Aliança que fizeram!

Sua boca macia parece manteiga,
mas a guerra está dentro do seu coração;
seus lábios suaves como o óleo mais fino,
mas são afinal afiadas espadas!

Confia ao Senhor teu cuidado
e Ele será o teu apoio:
Confia ao Senhor teu cuidado,
ele não deixará que o justo sucumba!

Os sanguinários e os mentirosos
não viverão metade dos seus dias,
precipitados no abismo da morte.
Mas eu confio em ti, ó meu Deus!

Glória ao Senhor, nosso Pai,
e ao seu filho Jesus Cristo, o Senhor;
Glória ao Espírito, nossa força,
que nos dá sua Graça até ao fim!

Deus é dos que não têm ninguém

A vida insegura de itinerante aproximava muito Jesus do mundo dos indigentes. Vivia praticamente como um deles: sem casa e sem trabalho estável. Não levava consigo nenhuma moeda com a efígie de César; não tinha, por isso, contactos com os cobradores de impostos. Saíra do domínio de Antipas. Vivia entre os excluídos, à procura do reino de Deus e da sua justiça.

Quanto ao grupo de seguidores que se ia formando à sua volta, eram convidados a fazer o mesmo. Partilhariam a vida daquela pobre gente. Caminhariam descalços como eles, que nem um denário tinham para comprar umas sandálias de couro. Prescindiriam também da túnica de reserva que lhes serviria de manta para se protegerem do frio da noite quando dormissem ao relento. Não tinham também bolsa com provisões. Viveriam da solicitude de Deus e da hospitalidade das pessoas. Exactamente como aqueles indigentes. O seu lugar seria entre os excluídos do Império. Para Jesus, esse era o melhor lugar para acolher e anunciar o reino de Deus.

Não se pode anunciar o reino de Deus e a sua justiça e esquecer toda esta gente. Era preciso estar com eles, para lhes fazer ver, a todos, que tinham um lugar privilegiado no reino de Deus, defendê-los, para que pudessem acreditar num Deus defensor dos últimos, acolher, antes de mais ninguém, aqueles que, no dia a dia, não conseguiam ultrapassar as barreiras levantadas pelas

famílias protegidas por Antipas e pelos latifundiários. Não se dirigia a eles de uma maneira fanática ou ressentida, nem menosprezando os ricos. A única coisa que pretendia era ser um sinal claro de que Deus não abandonava os últimos.

Identificado com eles e sofrendo na pele as suas mesmas necessidades, Jesus foi tomando consciência de que, para estes homens e mulheres, o reino de Deus só podia resultar sendo uma "boa notícia". Aquele estado de coisas era injusto e cruel. Não correspondia ao projeto de Deus. A chegada do seu reino significaria uma reviravolta total: aqueles vagabundos, privados até do mais necessário para viver, seriam os "primeiros", e muitos daqueles poderosos, que pareciam ter tudo, seriam os "últimos". Jesus manifestou de forma muito concreta a sua reprovção, contando a parábola de "um rico sem coração e um pobre chamado Lázaro". Foi entendido por toda a gente. A alegria dos mendigos não poderia ser maior. Nos seus corações despertou uma nova esperança.

Jesus falava de um rico poderoso. A sua túnica de linho fino proveniente do Egito dizia tudo da sua vida de luxo e de ostentação. A cor púrpura dos seus vestidos indicava que pertencia a círculos muito da roda do rei. A sua vida era uma festa contínua, pois organizava esplêndidos festins todos os dias, não só por ocasião de alguma celebração especial. De certeza que os pobres que estavam a escutar Jesus nunca tinham visto um personagem assim mas sabiam pertencer ao mais elevado desse sector de privilegiados que viviam em Tiberíades, Séforis ou Jerusalém. Eram os que possuíam as riquezas, os que detinham o poder e os que levavam uma vida faustosa com que eles nem sequer podiam sonhar.

Bem perto deste rico, deitado junto à bela porta da sua mansão, encontrava-se um mendigo. Não possuía nada, excepto um nome cheio de promessas: "Lázaro", nome que queria dizer "aquele a quem Deus ajuda". Não estava coberto de linho e púrpura, mas de chagas purulentas. Não sabia o que era um banquete, e nem sequer podia comer as migalhas do pão que os convidados deitavam para baixo da mesa depois de terem limpo com elas os seus dedos, migalhas que eram depois comidas pelos cães selvagens que vagueavam pela cidade. Parecia extenuado. Em momento algum se mexia para fazer fosse o que fosse. Lázaro parecia já não ter forças nem sequer para pedir ajuda. Impuro por causa da sua pele repugnante, degradado ainda mais pelo contacto dos cães vadios, a sua situação de miséria extrema, não seria tudo um sinal claro do abandono e da maldição de Deus? Já não estava longe do seu fim. Talvez algum dos que escutavam Jesus tenha estremecido. Lázaro podia ser qualquer deles. Era esse o fim que os esperava a todos os que viviam imersos na miséria e estavam a mais naquela sociedade.

O olhar penetrante de Jesus desmascarava a terrível injustiça daquela sociedade. As classes mais poderosas e os estratos mais oprimidos, parecendo pertencerem à mesma sociedade, estavam, na verdade, separados

por uma barreira quase invisível: aquela porta que o rico nunca atravessava para se aproximar de Lázaro. Os ricos estavam dentro dos seus palácios, a celebrarem as suas esplêndidas festas; os pobres estavam fora, a morrer à fome. Mas, de repente, tudo mudava. Lázaro morreu e, embora não se aluda ao seu funeral, foi levado para o seio de Abraão, onde foi acolhido, para tomar parte no seu banquete. Também o rico morreu e, enterrado com todas as honras, não entrou no seio de Abraão, mas no *hades* [ou *sheol*, lugar de sombras e morte, para onde vão, na crença judaica, todos os mortos].

A reviravolta da situação era total. Lázaro, acolhido no seio de Abraão, e o rico, num lugar de aflição, no *sheol*. Pela primeira vez, o rico reagiu. Aquele que não tinha tido compaixão do mendigo, pedia-a agora aos gritos para si mesmo. Aquele que nunca tinha visto Lázaro quando o teve à sua porta, conseguia agora enxergá-lo "ao longe", chamando-o pelo seu nome. Aquele que nunca tinha atravessado a porta para aliviar o sofrimento do pobre pretendia agora que Lázaro lhe aliviasse o dele. Era já demasiado tarde. Abraão advertiu-o: aquela barreira quase invisível da terra convertia-se agora em abismo inultrapassável.

Os pobres nem acreditavam. Que estaria Jesus para ali a dizer? Segundo a tradição de Israel, a prosperidade era sinal da bênção de Deus, e a miséria, pelo contrário, sinal da sua maldição. Como é que esse mendigo impuro e miserável podia ser acolhido no seio de Abraão, e esse rico, abençoado por Deus, tinha que ficar a sofrer no *sheol*? Seria porque os ricos já não gozavam da bênção de Deus? Seria porque os vagabundos e os mendigos deixavam de ser uns malditos? Com a sua parábola, Jesus não pretendia descrever ingenuamente a vida do mais além, mas desmascarar o que estava a acontecer na Galileia. Aquele estado de coisas em que os ricos viviam faustosamente, enquanto que às portas dos seus palácios havia gente que morria de fome, era uma injustiça que feria. Aquela riqueza que aumentava à custa da opressão sistemática sobre os fracos não era sinal das bênçãos de Deus. Era uma injustiça insuportável que Deus faria desaparecer um dia. A chegada do seu reino significaria uma reviravolta total da situação. Jesus começava a usar uma linguagem nova, surpreendente e provocadora. Os seus gritos ecoavam por toda a Galileia. Encontrava-se nas aldeias com aquelas gentes humilhadas que não podiam defender-se dos grandes latifundiários e bradava-lhes alto e bom som: "Felizes vós, os pobres (*os que não tendes nada*), porque vosso é o reino de Deus". Contemplava com os seus próprios olhos a fome daquelas mulheres e crianças desnutridas e não podia reprimir os seus sentimentos: "Felizes vós, os que agora tendes fome, porque sereis saciados". Via chorar de raiva e impotência aqueles camponeses que ficavam sem terras, a olharem para os cobradores que levavam o melhor das suas colheitas, e alentava-os, dizendo: "Felizes vós, os que agora chorais, porque haveis de rir". O reino de Deus não era uma "boa notícia" para todos, indiscriminadamente. Nem todos o podiam ouvir da mesma maneira: os latifundiários que se banquetevam em Tiberíades e os mendigos que morriam

de fome nas aldeias. Deus queria justiça para os seus filhos e filhas. O seu coração não podia suportar uma situação tão desumana. O reino de Deus traria uma mudança. A sua chegada seria uma bênção para os que viviam oprimidos e uma ameaça para os que passavam a vida a oprimir.

Não estaria Jesus a brincar? Não estaria, no mínimo, a ser cínico? Talvez o fosse, se Jesus estivesse a discursar desde os palácios de Tiberíades ou das mansões de Séforis, ou das vilas dos sumos sacerdotes de Jerusalém. Mas Jesus estava ali com eles. Era um indigente mais, que Ihes falava com fé e com convicção total; aquela miséria que os condenava à fome e à aflição não tinha a sua origem em Deus. Ao contrário, constituía um verdadeiro escândalo: o que Deus queria era vê-los saciados, felizes e a sorrir. Deus viera para eles. Era isto que Jesus queria deixar gravado nos seus corações: que os que não interessavam a ninguém eram do interesse de Deus; que os que pareciam estar a mais nos impérios edificados pelos homens tinham um lugar privilegiado no seu coração; que os que não tinham patrão para os defender tinham a Deus como Pai.

Jesus era realista. Não tinha poder político ou religioso para transformar aquela situação. Não tinha exércitos para se opor às legiões romanas nem para destronar Antipas. Ele era o profeta da misericórdia de Deus, feito último com os últimos. A sua palavra não significava para já o fim da fome e da miséria daquelas gentes, mas uma dignidade indestrutível para todas as vítimas de abusos e de atropelos. Todos tinham que saber que eram precisamente esses os filhos prediletos de Deus, e isto conferia à sua dignidade uma seriedade absoluta. A sua vida era sagrada. Nunca, nem na Galileia nem em qualquer outro lugar, se construiria a vida tal como Deus a exigia sem se libertarem da fome, da miséria e da humilhação aqueles homens e aquelas mulheres. Nunca a religião judaica ou outra qualquer seria abençoada por Deus se não pugnassem pela justiça para eles. Deus só poderia ser acolhido construindo um mundo que tivesse como primeiro objetivo a dignidade dos últimos.

(José Antonio Pagola. *Jesus, uma abordagem histórica*, pág. 186-192)

Oremos (...)

Abre-nos, ó Pai, os olhos
aos sinais do Sacramento que nos alimenta
e nos inebria do teu Cristo,
Memorial da sua Morte e Ressurreição,
alimento dos Cristãos,
para sermos capazes duma permanente Eucaristia,
tua Páscoa, tua Festa sobre a Terra!
Por Jesus Cristo, teu Filho e nosso Irmão,
na Unidade do Espírito Santo que nos habita!
Amén!